



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

A internacionalidade nas Equipas

9/09/2015

Introdução

A nossa conferência de hoje é sobre a internacionalidade do nosso Movimento. Poderão perguntar o que é que se pode dizer a este respeito. Afinal, aqui estamos todos em Roma num encontro de casais regionais de todo o mundo. Casais e conselheiros espirituais vindos dos cinco continentes e de 39 países estão aqui presentes. É claro que somos um Movimento internacional!

Mas o que é que o casal comum das Equipas nos nossos países sente da internacionalidade das Equipas? Como podemos levar a nossa experiência de internacionalidade em Roma e partilhá-la com as nossas equipas de base – em particular com os casais que, por qualquer razão, nunca puderam participar num Encontro Internacional?

O crescimento da internacionalidade no nosso Movimento

Em primeiro lugar, vejamos como nos tornámos um movimento internacional. Depois da publicação da Carta em 1947, as Equipas começaram a expandir-se a partir de França para outros países, e o Movimento teve de tomar uma decisão importante. Deveriam as Equipas estabelecer-se em cada país como Movimentos nacionais distintos ou deveriam manter-se como um único Movimento, com todos os desafios decorrentes da diversidade linguística e cultural que isso acarretaria?

Ora, este encontro é um resultado dessa decisão. Somos um Movimento universal. Com o passar do tempo, a Equipa Responsável deixou de ser inteiramente constituída por casais franceses, e agora reflecte a diversidade do Movimento. A ERI é uma equipa verdadeiramente internacional. De facto, só um casal é de língua francesa. Os outros casais vêm de Portugal, da Colômbia, do Brasil, do Líbano, de Espanha e da Grã Bretanha. As nossas reuniões fazem-se em francês, mas, por vezes, é preciso recorrer à língua de cada um e confiar uns nos outros para explicar ao resto da equipa o que estamos a dizer.

Mas a “internacionalidade” não acontece só ao nível da equipa responsável. Pode também ser praticada nas nossas supra-regiões e nos nossos países.

Por exemplo, a Supra-Região Estados Unidos tem equipas que funcionam em quatro das línguas oficiais das Equipas: inglês, francês, espanhol e português. Conseguem imaginar o esforço que implica a preparação de todo o material de informação e pilotagem nestas línguas? E como se consegue uma estrutura de equipa eficaz e coerente nestas circunstâncias?

O exemplo da África do Sul

Um dos lugares em que tem sido mais difícil conseguir a coerência, tanto politicamente como nas Equipas, é a África do Sul. No passado, o sistema do apartheid encorajou desvios e suspeitas, e as comunidades étnicas viviam vidas separadas e isoladas. O Arcebispo Desmond Tutu fascinou o mundo resistindo ao apartheid na África do Sul com coragem, visão e sagacidade. No seu livro *In God's Hands* (Nas mãos de Deus), fala dos seres



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

humanos como representantes de Deus na terra. A partir da profunda experiência de ser discriminado, o Arcebispo Tutu justifica a dignidade universal, o valor intrínseco de cada pessoa como filha de Deus.

Com o fim do apartheid, as Equipas da África do Sul responderam às tremendas mudanças que houve no país integrando o que eram duas comunidades de Equipas na cidade e na área de Durban — as de ascendência europeia e as de ascendência indiana.

Quando lá fomos em 2009, assistimos à tomada de posse da nova Equipa de Sector. Cada equipa de base foi convidada a mandar um casal para integrar essa equipa e, como consequência, a Equipa de Sector tinha casais brancos, negros, indianos e de outras raças — uma verdadeira nação arco-íris. O Responsável do Sector foi então escolhido de entre este grupo de casais. E em Joanesburgo, onde as Equipas eram sobretudo de descendência portuguesa e de outros países europeus, houve um impulso para expandir o Movimento junto da população negra africana. Esta não é uma transição fácil para os equipistas da África do Sul; a história do seu país está profundamente enraizada na cultura e nas atitudes dos povos.

A expansão do Movimento

À medida que o Movimento se difundia para outros países, teve de se adaptar a costumes e circunstâncias locais.

Por exemplo, na Índia, a refeição partilhada tende a ter lugar no fim da reunião, e os homens e as mulheres, geralmente, não se misturam.

No Malawi, as mulheres da equipa juntam-se para preparar a refeição, enquanto os homens se sentam a conversar. A partilha é feita neste momento, e o marido e a mulher partilham o que aprenderam quando chegam a casa. Há sempre uma colecta no fim da reunião, que fornece os fundos para os alimentos para o mês seguinte. O dinheiro que sobejar é dado aos equipistas que precisarem de comprar medicamentos.

Na Coreia do Sul também há diferenças subtis. Como podem ver na fotografia, nenhuma mulher se senta ao lado de um homem que não seja o seu marido.

Mas talvez os lugares mais desafiantes para o funcionamento do Movimento sejam países como a Arábia Saudita, o Qatar e o Kuwait, onde não é possível ter as reuniões de equipa nas casas das pessoas. Todas as reuniões de cariz religioso devem realizar-se nas instalações da igreja.

A internacionalidade no nosso país – seremos capazes de encontrar casais de outras nacionalidades ou línguas nos nossos próprios países?

Consideremos esta questão:

Quando uma equipa de base precisa de novos casais, ou se procura começar uma equipa nova:

- a) procuram mais casais como os que já estão nas Equipas, ou
- b) “acolhem o estrangeiro”???

Nós somos acérrimos defensores de que a diversidade numa equipa deve ser encorajada. Isto pode ser em termos de idade, de educação ou de estatuto profissional, mas casais de nacionalidades diferentes também



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux *Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015*

podem ser de grande riqueza. Se uma equipa quiser seguir o “caminho ascendente” do Pe. Caffarel, terá que abraçar desafios e ideais novos; caso contrário, torna-se obsoleta e moribunda.

Percebemos perfeitamente que em alguns lugares pode ser difícil encontrar casais de outros países. Por exemplo, no princípio deste ano, como parte do nosso papel de casal de ligação da Zona Eurásia, visitámos as equipas na Índia. As equipas localizam-se no estado de Kerala, no extremo sudoeste do país. Os keraleses, que vivem num país maioritariamente hindu, são uma das comunidades cristãs mais antigas do mundo, pois São Tomé levou o cristianismo para a Índia no ano 52, facto de que, com razão, se orgulham. Não é uma parte da Índia em que povos de outros países ou turistas estejam muito em evidência. Com efeito, só cerca de uma semana depois de termos chegado à Índia encontrámos uma cara europeia. Na verdade, éramos de tal modo novidade que as pessoas queriam tirar fotografias connosco! Por isso, em Kerala “pessoas como nós” são mesmo a única opção. Mas há muitas cidades grandes na Índia, e nos outros países também, que estão cheias de “estrangeiros”.

A equipa de Bristol do nosso sector em Inglaterra é um belo exemplo de Nações Unidas de casais. Foi iniciada por um casal das Equipas francês que foi para Inglaterra por causa do trabalho do marido. Sentiram a falta da sua própria equipa de França e imediatamente começaram a formar uma nova equipa. Ao fim de algumas semanas, tinham um número suficiente de casais para o fazer. Os casais eram da Hungria, da Polónia, da Eslovénia, da Nigéria, da Índia, e havia um inglês casado com uma polaca. Encontraram todos estes casais na sua paróquia de Bristol ao procurarem estrangeiros. Muitos destes casais estão a contratos a curto prazo de dois ou três anos, e por isso ao longo do tempo, o número de equipas varia como reflexo disto mesmo. Uma coisa semelhante está a acontecer em Coventry, onde chegou um casal polaco que ali quer começar uma equipa. E em Birmingham um casal português e um casal franco-belga estão a trabalhar juntos para iniciarem uma nova equipa.

Em comparação com muitos outros países, na Grã-Bretanha há poucas equipas, principalmente por não ser um país católico e os católicos estarem muito dispersos. É claro que as Equipas não são só para os casais católicos, e este é um assunto a que voltaremos mais adiante. Temos apenas 120 equipas, mas nessas 120 equipas há pessoas que sabemos serem de mais de 20 países.

A lista inclui Argentina, Áustria, Bélgica, China, Colômbia, Filipinas, França, Chana, Grenada, Índia, Iraque, Irlanda, Itália, Letónia, Lituânia, México, Nigéria, Polónia, Portugal, Espanha, África do Sul, Trinidad e Tobago.

A oeste de Londres temos várias equipas polacas; muitos destes casais são descendentes de polacos que decidiram não voltar para o seu país no fim da segunda guerra mundial, mas estão a formar-se novas equipas com migrantes recentes da União Europeia. Estas equipas estão totalmente integradas num sector que também conta com equipistas ingleses nativos. O novo casal responsável da SR Transatlântica, Piotr e Dzia Chodzko-Zhajko, que infelizmente não podem estar aqui, são polacos de segunda geração e vêm desta comunidade polaca.

Londres, é claro, é uma cidade internacional, como são muitas outras grandes cidades por esse mundo fora, e orgulha-se de ter um sector inteiro de equipas francesas. Estas equipas são apoiadas a partir de França, mas



Equipas Notre-Dame

III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux *Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015*

há outros casais franceses que vêem o seu tempo em Inglaterra como uma oportunidade para se juntarem a equipas locais de língua inglesa.

Às vezes interrogamo-nos por que é que as Equipas de Nossa Senhora na Grã-Bretanha nunca foram abordadas pelas comunidades brasileira, portuguesa, espanhola ou italiana em Londres ou noutros lugares. Suspeitamos que, mas principais cidades do mundo, há muitos casais — alguns dos quais já pertenceram às Equipas, outros não — que facilmente podiam juntar-se a uma equipa local ou começar uma nova.

A Supra-Região França tem dominado a arte de manter o contacto com casais franceses que estão temporária ou permanentemente no estrangeiro. De facto, têm um casal regional responsável pelas suas equipas remotas e têm sectores em Guadalupe, Martinica e Reunião, bem como o já mencionado em Londres. Só este ano, estabeleceram equipas de língua francesa na Califórnia, em Frankfurt, no Cairo e no Taiti. À nossa modesta maneira, quando éramos casal responsável da Supra-Região Transatlântica, pudemos facilitar a integração de um casal inglês numa equipa em França. Também fomos abordados por Trinidad por causa de um casal que estava a mudar-se para Itália. Em 30 minutos — graças ao correio electrónico e ao directório internacional — encontrámos na cidade para onde ia esse casal uma equipa italiana com três professores de inglês, que acolheu o casal na sua equipa!

Pensar de forma criativa

Até agora, só falámos de nacionalidades diferentes nas Equipas, mas, como sabemos, há muitos tipos de Igrejas cristãs. Os equipistas do hemisfério ocidental, de um modo geral, pertencem à Igreja Católica Romana ou Latina. Contudo, há 21 Igrejas Orientais que estão em plena comunhão com Roma. São Igrejas irmãs autónomas, zelosas pelas suas próprias tradições e pela sua independência. Como o Movimento se expandiu para o Médio Oriente e a Ásia, tem havido mais contacto com estas Igrejas irmãs, e as Equipas implantaram-se nas suas comunidades. E sobretudo nos países da Europa de Leste, há também casais ortodoxos nas Equipas.

Mas seria um erro pensar que estas Igrejas têm uma localização geográfica fixa. A Igreja maronita está centrada no actual Líbano, mas, devido à migração, hoje em dia há mais libaneses a viver fora do Líbano do que no próprio Líbano. Por exemplo, quando a ERI visitou a Bélgica no ano passado, alguns de nós visitaram uma igreja maronita. Em Sydney, Austrália, há vários centros paroquiais maronitas, e visitámos um em Sydney com 35 000 — sim, 35 000! — paroquianos libaneses. Até agora há 8 equipas nessa paróquia, e a expectativa de mais em toda a Austrália.

Nos últimos 10 anos, a Diocese de Clifton, a nossa própria diocese em Inglaterra, viu a chegada de três igrejas indianas — uma Ortodoxa Indiana, uma Siro-Malabar e uma Siro Malankara. E há cerca de 30 anos, foi fundada uma igreja Ortodoxa Grega a uns oito quilómetros de onde vivemos. Aí também têm lugar serviços de culto ortodoxo russo. Todas estas Igrejas surgiram para atender às necessidades de migrantes e de refugiados.

Pedimos-vos que pensem no seguinte: “Que outras Igrejas ou comunidades Católicas/Ortodoxas existem no vosso país? Quantas equipas poderão começar nessas comunidades?”



III^{ème} Rencontre Internationale des Responsables Régionaux Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

E os fiéis das Igrejas protestantes?

O artigo 4 dos Estatutos Canónicos das Equipas estipula: Os membros das Equipas de Nossa Senhora são **casais cristãos** unidos pelo sacramento do matrimónio que apoiam, com vista a pô-los em prática, os objectivos e os métodos do Movimento...

Esta é uma definição bastante ampla, e continua: Qualquer casal que satisfaça as condições do primeiro parágrafo do presente artigo 4 pode pertencer às Equipas de Nossa Senhora.

Estão à procura de novos equipistas? Então, interroguem-se: Quantos cristãos de outras tradições temos nas nossas equipas? Na parábola do banquete nupcial (Mt 22,1-14), quando os convidados não chegam, o rei manda os seus servos chamar todos os que encontrarem. Se lutam por encontrar casais que adiram ao Movimento, talvez possam lançar a rede mais além e convidar casais interconfessionais e casais de outras tradições cristãs. Os sinais dos tempos dizem-nos que na Europa hoje 1 em 9 casamentos ultrapassa as fronteiras nacionais, e na Grã-Bretanha, cerca de 10% a 15% dos equipistas vêm de outras tradições cristãs. Também podemos procurar activamente o “estrangeiro”; os recém-chegados ao nosso país que podem aumentar imensamente a diversidade e a riqueza das nossas equipas. O próprio Jesus diz-nos que acolhendo o estrangeiro ganhamos acesso ao seu Reino (Mt 25,35).

Viver o Movimento das Equipas em outros países

Quando viajam no estrangeiro, em férias ou em negócios, procuram contactar as equipas locais? A prática da hospitalidade é um maravilhoso carisma do Movimento para benefício tanto do anfitrião como do visitante. Tal como nas reuniões de equipas mistas nos nossos próprios sectores, experimentamos um laço comum em que a cultura e a língua não têm qualquer relevância. Quando estávamos a pilotar uma equipa no sul de Inglaterra, tivemos duas oportunidades de levar às reuniões um casal australiano da Equipa Responsável Internacional e um conselheiro espiritual africano. Desta forma, a nova equipa pôde realmente sentir a internacionalidade do Movimento. Nas nossas próprias viagens, temos estado em muitas reuniões de equipa, cada uma ligeiramente diferente em organização e conteúdo, mas cada uma foi fonte de grande alegria e formação para nós próprios. Talvez, na vossa qualidade de casais regionais, pudessem encorajar os membros das equipas de base a estabelecer como regra de vida procurar oportunidades para esses encontros.

Conclusão

Para resumir, a internacionalidade nas Equipas de Nossa Senhora não é só uma questão de nacionalidades diferentes. Tem também a ver com a diversidade de culturas e de costumes, tendo sempre em mente que unidade não implica uniformidade. Como nos recordava o Arcebispo Desmond Tutu, temos de reconhecer que todos os seres humanos nossos semelhantes são feitos à imagem de Deus.

No seu mais célebre discurso, Martin Luther King disse: *«Tenho um sonho: que os meus quatro filhos pequenos hão-de um dia viver numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pela qualidade do seu carácter»*. Ámen a isso!

Helena & Paul Mc Closkey